

Banqueiros satisfeitos com o acordo mexicano

O acordo entre o México e os bancos sobre os pontos principais de um pacote financeiro foi considerado ontem por um banqueiro em Manhattan, como "um passo muito importante" na busca de soluções para a crise do endividamento do Terceiro Mundo.

Embora alguns banqueiros tenham evitado comentários, outros não esconderam a alegria.

Manuel Ordoñez, vice-presidente para bancos internacionais da empresa de investimentos Shearson Lehman American Express, declarou que "não há muita novidade" no acordo, mas frisou que apresenta "alternativas muito interessantes para os bancos médios e pequenos".

Essas alternativas são a transformação da dívida em bônus, que terão garantias do FMI e do Banco Mundial. Os bancos de menor porte poderão negociar esses bônus no mercado e deixar o circuito das renegociações dos empréstimos aos países em desenvolvimento, como parece ser o desejo da maioria.

Mas Ordoñez lembrou que o acordo não significa uma solução para os grandes bancos e assinalou que oferece ao México uma alternativa para capitalização dos juros.

Expressou ainda desânimo sobre a parte de capitalização da dívida, ou "swaps", considerando-a "bastante fraca".

A capitalização, ou transformação da dívida em investimentos, fica limitada ao programa do governo mexicano de privatização de empresas e projetos de

infra-estrutura, com um teto de US\$ 1 bilhão durante os próximos três anos e meio.

Outro banqueiro, também ligado ao setor de investimentos, comentou: "Esse acordo é sem dúvida o melhor negociado até hoje por um país em desenvolvimento e significa um passo muito importante".

EMPRESÁRIOS

O setor privado mexicano advertiu ontem contra o possível "aquecimento da economia" na esteira da renegociação da dívida externa do país com os bancos comerciais. Em entrevista à agência oficial de notícias Notimex, Jorge Kawaghi, presidente do setor mais importante da indústria do México, reconheceu que a renegociação deve reacomodar as finanças públicas.

Previu que o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) em 1989 não deverá superar 1,5% e afirmou que a indústria deve ser "o motor do desenvolvimento" paulatino do país. "Como planejamos, o crescimento deve chegar a 6% em 1994", acrescentou.

O anúncio do acordo da dívida, feito domingo à noite pelo presidente Carlos Salinas de Gortari, ocorre num momento em que vários organismos do setor privado explicam que algumas áreas registram avanços, enquanto outras se vêem em apuros.

"El Financiero", jornal econômico, citou uma análise da Confederação Nacional de Câmaras Industriais em que se constata que a atividade industrial "continua no círculo vicioso da recessão".